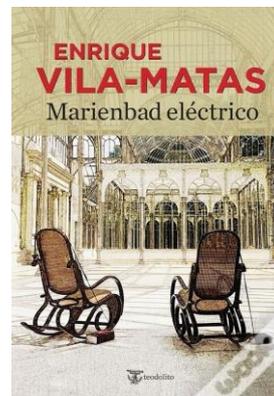
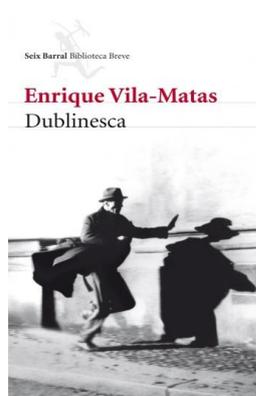
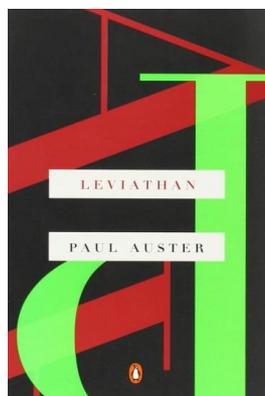
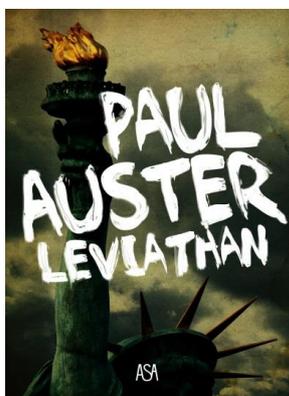


## LITERARTISMOS – COLUNA ALTOFALANTE 53

A literatura e as artes visuais têm mantido uma relação directa e constante ao longo de sua história. Notadamente a partir do século 19, com a emergência do que viria a ser conhecido como o modernismo, ambas referem-se e alimentam-se mutuamente com maior intensidade: a arte surge como mote em diversas narrativas literárias e o mesmo ocorre na prática artística, buscando inspiração em escritos e autores literários. T. Gautier, Balzac, Wilde, Zola, H. James, Gertrude Stein, Virginia Woolf – são inúmeros os casos de autores (da literatura) deste período em que a arte permeia ou dá mesmo corpo à escrita. E na atualidade, como tem se manifestado a relação entre literatura e artes visuais (e fazendo um esforço para deixar o cinema de fora)? A influência da literatura sobre a arte segue sendo talvez mais sensível, com incontáveis obras evidenciando tal tendência. Há inúmeros artistas que valem-se do imenso repertório oferecido pelo universo literário, utilizando-o como material de modos variados: Anselm Kiefer, Roni Horn, James Casebere, Jorge Macchi, Ed Ruscha, Duchamp, Mark Manders, Tacita Dean, Joseph Kosuth, Julião Sarmento, Rosangela Ricalde, Nuno Ramos (este em dupla via)...a lista seria por demais extensa. Tal influência pode se manifestar de modo literal ou indireto, mais conceitualmente, e em diversos *media* e formas, seja permeada pelo uso estrutural da metáfora, alusão e alegoria, seja por uma apropriação mais direta, literal, de textos e narrativas ficcionais. Mas e na literatura de hoje? Como emerge essa pulsão no sentido inverso – como escritores da atualidade absorvem ou trabalham a referência da arte contemporânea? Interessa aqui a perspectiva específica dos modos como a arte da atualidade surge na literatura atual. E não apenas na forma de referências casuais ou da caracterização de um eventual personagem como artista, mas de efetivamente marcar presença neste território. Sob este enfoque, e entre diversos exemplos possíveis, há dois autores que sem dúvida se destacam: Paul Auster e Enrique Vila-Matas.



Em 1992 Paul Auster publica *Leviathan*, romance marcante em sua trajetória, de inventiva trama detetivesca onde trabalha elementos como o dualismo ficção-realidade, a identidade, o acaso, a casualidade e a causalidade, todos característicos do autor. Sua trama se (de)compõe de narrativas que se sobrepõem em *flashback*, repleta de situações banais (por vezes violentas) pontuando as vidas de personagens complexos, desenvolvida com uma lógica e engenhosidade que envolvem o leitor de maneira sutil. Há, no entanto, uma passagem a se destacar neste romance, onde o autor explicita seu interesse pelo mundo da arte contemporânea. A certa altura, surge meio casualmente uma personagem que ganhará força e presença permanente no resto da obra. Tal aparição, aparentemente fortuita, ganha importância e relevância no decorrer da trama, com sua personagem vindo a desempenhar papel determinante na história, dando coesão aos eventos e situações envolvendo os protagonistas. Trata-se de Maria Turner, uma artista que trabalha com fotografia mas também usa a escrita e outros meios, o que leva o narrador (Peter Aaron, cujas iniciais sinalizam a habitual auto-projeção típica de Auster) a tentar defini-la como "conceitualista", termo que não resolve muito mas que é aceitável. No *plot* de Auster a personagem oscila constantemente da ficção à realidade e vice-versa; e essa é das partes mais interessantes do romance, quando se estabelece um jogo que sugere que nem tudo acontece somente no livro, mas estende-se também à vida real, fora de suas páginas. A inspiração da personagem de Maria Turner (e assumida por Auster) é toda calcada em Sophie Calle, artista francesa de renome internacional. O escritor conheceu-a ainda em finais dos 1970, quando vivia em Paris, e desde então iniciaram uma relação que propiciou uma série de colaborações mútuas e interdisciplinares. Instigada por sua aparição como personagem ficcionado no livro de Auster, Sophie Calle por sua vez inicia, dois anos depois, uma série ou projeto chamado *Doubles-Jeux (Jogo duplo, 1994)* em resposta àquela iniciativa. Nesta empreitada, que abarca sete livros, além de compilar grande parte de sua produção, Calle se "converte" em Maria Turner e dava instruções a Auster para desenvolver certas atividades; Auster aceitou o jogo com algumas condições, que por sua vez consistiam em novas instruções à artista (que, apesar de algo ásperas, Calle no geral acabaria seguindo com empenho), reunidas no último volume de *Jogo Duplo*, este concebido por Auster, denominado *Gotham Handbook*. O produto final é a materialização de um rico e original exercício de intertextualidade que extrapola os limites convencionados pelas disciplinas de cada um.



Detalhe de *Jogo duplo*, de S.Calle

Exemplo ainda mais entusiasmante deste entrecruzamento é talvez o do catalão Enrique Vila-Matas, um dos grandes escritores europeus em atividade. Homem das letras apaixonado pela arte contemporânea, este romancista e eterno cronista da "literatura do Não" – em cuja prosa, como em *Auster*, a ficção se permite associar a fatos de modo desestabilizador –, Vila-Matas tem esta verve mais claramente exposta em dois livros recentes; *Kassel no invita a la lógica*, de 2014 (*Não há lugar para a lógica em Kassel*, na edição brasileira) e *Marienbad Électrique*, de 2015 (*Marienbad Eléctrico*, em Portugal). Este último é um apanhado sobre a parceria entre o escritor e a conhecida artista Dominique Gonzalez-Foerster, um livro nascido das várias conversas e colaborações mantidas pelo autor ao longo de quase dez anos com a francesa (que já aparecia citada em pelo menos um livro anterior do catalão, *Dublínescas*, de 2010). Um romance insólito, segundo o próprio autor, situando-se na fronteira entre a arte contemporânea e a literatura, cuja descrição é complementada pelo próprio como podendo ser também "uma instalação e um texto de catálogo (para uma exposição de Gonzalez-Foerster, *Splendide Hotel*)...". É, em suma, a crônica de uma amizade e do intercâmbio de ideias e da admiração e inquietações estéticas mútuas, num percurso iniciado há uma década em conversas em cafés de Paris (assim como *Auster* e Calle, aliás), até à retrospectiva da artista no Centro Georges Pompidou em 2015.



Vila-Matas e DGF (ao centro; à direita na foto, H-U. Obrist). À dir., o catalão em ensaio visual para a Bomb Magazine

Já em *Kassel no invita a la lògica* o que se vê é um relato saboroso e inusual, por vezes desconcertante, da experiência de Vila-Matas na *Documenta 13*, em Kassel (2012). Inesperadamente convidado a participar do mais prestigioso evento de arte contemporânea no mundo, o protagonista, um escritor (que apesar de levemente ficcionado é sim um alter-ego do catalão – outra característica partilhada com Paul Auster – que de fato integrou aquele evento), primeiro hesita até que aceita, um tanto reticente – mas no íntimo animado pela perspectiva de poder estar por uma semana no epicentro daquele mundo exclusivo, pelo qual nutre certo fascínio (mais ou menos) secreto. Uma vez definida a natureza peculiar dos termos de sua participação (passar as manhãs escrevendo, ou fingindo escrever, em público num restaurante chinês), o livro converte-se em uma espécie de inventário das experiências vivenciadas com a arte pelo autor, nos intervalos de sua curta labuta oficial, com ênfase para suas análises e reflexões sobre diversas obras da Documenta, que se empenhou em observar. Destaque para suas belas (e atentas) leituras das peças de Ryan Gander, Tino Sehgal, Pierre Huyghe e Lara Favaretto, certamente mais delicadas e instigantes que as de boa parte da crítica especializada. À medida que acompanha e se envolve com parte da produção exposta no evento, sua saga em Kassel ganha contornos de uma jornada iniciática – sem ironia, embora suas considerações em relação à arte contemporânea em geral se mostrem não raro marcadas pela ambivalência –, culminando (e terminando) numa espécie de epifania acerca do estado geral da arte contemporânea, que Vila-Matas enuncia como uma espécie de via redentora das mazelas do mundo e ativadora de um renovado *élan* vital (ao menos em seu plano pessoal). Tudo isso já no banco de trás do táxi que o levará ao aeroporto, encerrando sua aventura – e o livro. Se

tamanho entusiasmo pode parecer um tanto excessivo, denotando em parte um encantamento arrivista (ou semi-arrivista, em seu caso, dada a familiaridade que o espanhol parece manter, ainda que de modo esparso ou pontual, com o meio da arte), por outro lado poucas vezes se vê a convergência da literatura e da arte (a segunda absorvida pela primeira), de forma tão fluida e envolvente – mesmo quando apaixonadamente reticente.

***Guy Amado*** Dezembro 2016